

Sylvester Rosa Koehler, Tradutor de Antero: Seis Traduções Esquecidas

Ricardo Marques
IELT-FCSH ¹

Como traduzir bem um soneto de Antero, sem desaparecer, pelo menos, aquela música suave, triste e penetrante, íntima de lirismo, que é parte psicologicamente componente da grandeza lírica de Antero? (...) A tradução de um poeta lírico só serve para dar uma ideia do que ele escreveu e sobre o que escreveu; o leitor d'ela deve porém estar sempre premunido com uma certeza: a de que essa tradução por boa que seja é ao mesmo tempo incompleta e falsa.

Fernando Pessoa²

Introdução

Foi projecto de Pessoa traduzir os sonetos de Antero de Quental, que considerava uma das suas maiores referências.³ Pessoa, porém, não terá sido o primeiro a querer traduzir Antero. Perdida num periódico literário de Ponta Delgada dos anos vinte, parece ter ficado a tradução de seis sonetos de Antero, distribuídos pelas fases mais significativas da sua escrita.⁴ Vale assim

1. Bolsa FCT SFRH/BPD/101758/2014.

2. No primeiro volume do seu detalhado *Dicionário da Imprensa Periódica Literária* (1996), Daniel Pires apresentou, pela primeira vez, a notícia destas traduções no verbete sobre a revista açoriana. (32)

3. BNP/E3, 19-103, de acordo com a transcrição de Patrício Ferrari, 2007: 263.

4. Estes esforços estão compilados por Patrício Ferrari na edição referida na nota anterior. Este investigador contabiliza noventa e três sonetos e quatro fases de escrita.

a pena perceber a história por trás desta tradução esquecida, bem como analisá-la comparativamente à tradução contemporânea de Edgar Prestage, até porque não existem muitas referências literárias e culturais de índole inglesa ou anglo-saxónica nas páginas dos periódicos literários do Modernismo português (c. 1910-1940).⁵

Existem, em primeiro lugar, alguns nexos de relação com a cultura e literatura norte-americana que Antero revela. Sabemos que o poeta visitou os Estados Unidos em 1869, depois de viajar por Espanha e França nos anos precedentes (1867-68), como o próprio refere explicitamente na conhecida carta autobiográfica a Wilhelm Storck, escrita poucos anos antes do suicídio (1887). Sabemos igualmente que tal viagem não é de todo pouco interessante para Antero, espírito atento às letras do seu tempo, e ávido leitor de Longfellow e de Walt Whitman (a sua biblioteca pessoal dispõe de livros de ambos). A tríade é completada por Edgar Allan Poe, tendo comprado um volume das suas *Poetical Works* em Halifax, no Canadá, onde primeiramente aportou.⁶

Sylvester Rosa Koehler, que acaba por ser o seu segundo tradutor para a língua inglesa, foi justamente um contemporâneo de Antero de Quental. Cinco anos mais velho do que ele, tendo nascido em 1837, morreu nove anos depois, mas nunca se conheceram. Apenas um mero acaso os juntou.

5. Tanto quanto percebemos, esta tradução não foi ainda tratada por nenhum estudioso da obra anterior. O artigo de George Monteiro, de 2007, intitulado "Antero de Quental in English", que pretende fazer uma historiografia das traduções de Antero para inglês, de 1893 a 2004, não o refere. Agradecemos à Prof. Anna Klobucka a disponibilidade e o gentil envio do artigo do Professor George Monteiro aqui citado. Propomos esta delimitação temporal tendo em conta, por um lado, a criação de *Límia*, no ano da implantação de República, e, por outro, o fim de *Presença* (1940).

6. Para uma informação mais detalhada sobre este aspecto biográfico do poeta, recomendamos a consulta da obra da anterior Ana Maria Almeida Martins, *Antero de Quental e a Viagem à América – Remando Contra a Maré* (2011), na qual se refere que a viagem terá durado cerca de três meses, de Agosto a Outubro de 1869.

1. Texto e Contexto

Como se disse, esta descoberta decorre de uma pesquisa em periódicos portugueses do Modernismo, feita essencialmente na Biblioteca Nacional.

Os Açores,⁷ como o próprio nome indica, é um tipo de “revista ilustrada”, aliás seu subtítulo, uma vez que recorre muito frequentemente não só à imagem fotográfica de reportagem como igualmente à ilustração através de desenhos originais de diversos artistas da altura. Foi uma publicação que decorreu em duas séries – uma de 1922 a 1925 (doze números) e a segunda, onde se apresentou este conjunto de poemas traduzidos, de doze números apenas reportados a 1928. Publicada em Ponta Delgada e dirigida por quatro eminentes micaelenses, de entre os quais o colaborador de *Orpheu* Armando Côrtes-Rodrigues (“director-delegado” em Angra), este é um tipo de revista comum neste período em Portugal, de cariz eminentemente regional e etnológico, misturando notícias de actualidade sociocultural com parcas páginas literárias e culturais. A presença destes sonetos anteriores traduzidos é, sem dúvida, a colaboração literária mais interessante,⁸ a par de outra presença anterior, a de um soneto seu (“Uma amiga”, da primeira fase 1862-66) intitulado na revista “Tudo o Vento Varreu”, musicado por Tomás Borba, na primeira série.⁹ Dado ser uma revista ecléctica, e mais noticiosa que propriamente literária, é precisamente por esta via que nos chegam

-
7. A revista em causa chama-se *Os Açores* e encontra-se em boas condições na cota P.P. 3373 A.
 8. Tem muitas participações nestes números da primeira série, Armando Côrtes-Rodrigues (ACR). São deles exemplos o soneto “Portugal Novo” sobre o recente raide aéreo de Gago Coutinho e Sacadura Cabral ou um auto de Natal no número de Dezembro de 1924. Na 2ª série, só de 1928, composta por números maiores, capas mais grossas e fortes, apenas com o mesmo desenho de um milhafre sobre o fundo de ilhas em forma de flor – muda a direcção, que agora é composta por duas pessoas, José Barbosa e Celestino Barbosa, muito provavelmente irmãos (proprietários-editores: Barbosa & Irmão, Lda.) e ACR deixa de ser delegado de Angra para ser redactor principal em todos os números, e por isso a estar mais envolvido na sua feitura.
 9. Em Abril de 1925, no nº11 da primeira série, há uma página inteira, não assinada, sobre Vitorino Nemésio (VN) pela ocasião do seu novo livro de contos *O Paço do Milhafre*. Aqui se afirma que “a prosa açoriana encontrou em VN o seu máximo cultor regional”, o que nos parece uma assunção bastante pioneira para a época.

as traduções de Sylvester Koehel. O número 7 da segunda série, dada de Julho de 1928, da qual reproduzimos a capa, é dedicado em parte ao Coronel Francisco Afonso Chaves (1857-1926) figura micaelense muito importante que havia morrido dois anos antes.¹⁰

De forma a homenagear a figura militar micaelense, “aquele que foi um dos mais íntimos amigos de Antero”, a revista decide reproduzir os sonetos traduzidos por Koehler.

Acompanhando, porém, os sonetos, poucas páginas depois, é reproduzido um texto de página inteira intitulado “Sylvester Rosa Koehler, Traductor de Antero” com informações contextualizantes sobre o eminente norte-americano, bem como a transcrição de uma carta, trocada entre este e o Coronel Chaves,¹¹ sob todos os pontos de vista elucidativa.

Em primeiro lugar, este texto vem esclarecer-nos que, apesar de pertencerem à mesma geração, Antero nunca se cruzou com Koehler. Este encontro resultou de um outro, ocasional, com o referido Coronel Chaves, aquando de uma escala na sua viagem para o Mediterrâneo, em 1895: “Um casual encontro no correio desta cidade com o Coronel Chaves salvou-o das inúmeras dificuldades que lhe acarretava a sua ignorância da língua portuguesa.” Tal encontro, apesar de fortuito e relativamente rápido (três meses), faz com que, na volta aos Estados Unidos e nos cinco anos seguintes de intensa correspondência (Koehel morre em 1900), o então director do Museu de Boston se preste a aprender português, de forma a agradecer a cortesia ao amigo.

10. Podemos igualmente inferir a recorrente presença de Antero de Quental nestas páginas por interfeência, não só do amigo pessoal do poeta, o Coronel Afonso Chaves, mas igualmente pelo seu primeiro e mais conhecido biógrafo, José Bruno Carreiro, que saúda o aparecimento da revista logo no primeiro número (Julho 1922: 17-18). Neste número aparece o soneto “Uma Amiga”. Novamente no número 3 (Setembro de 1922) vemos uma grande chamada de atenção (primeiro artigo) para Antero, através da notícia no *Correio dos Açores* (nº638, de 10 de Setembro de 1922) do XXXI aniversário da morte do poeta, jornal cujo director era justamente José Bruno Carreiro.

11. O Coronel Francisco Afonso Chaves é indubitavelmente uma figura fascinante do período. Físico e meteorologista, funda o Serviço Meteorológico dos Açores, em Ponta Delgada, ao qual preside, e relaciona-se directamente com uma série de figuras importantes do período, seja pela sua origem micaelense, seja por se tratar de visitantes ilustres, caso do Príncipe Alberto I do Mónaco, que, com a sua ajuda, vem aos Açores na primeira campanha oceanográfica (1887). Por outro lado, foi um dos primeiros responsáveis pela constituição do monumental Arquivo dos Açores (1878-1959), que dirigiu, cargo que confiou a Armando Côrtes-Rodrigues pouco antes da sua morte.

Já a carta, datada de 19 de Maio de 1897, e apenas parcialmente transcrita nas páginas da revista,¹² presta algumas elucidações sobre a relação entre tradutor e traduzido, entre tradutor e tradução, e coloca algumas questões sobre princípios de tradução: a) ao que parece, Koehler ter-se-á identificado muito com o poeta micaelense durante o próprio processo de leitura e tradução; b) sabemos igualmente que Koehler leu as traduções inglesas de Edgar Prestage (1869-1951), referência internacional dos estudos portugueses à época, bem como as de Wilhelm Storck (1829-1905) em alemão, a quem Antero escreve a famosa carta autobiográfica de 1887; e c) teoriza sobre as diferenças entre as formas portuguesas através da sua comparação com as formas germânicas, dando a sua opinião sobre as duas traduções já referidas, explicitando o seu processo de tradução de Antero.

2. As Traduções

Principiando por esta última ideia, Sylvester Koehler diz-nos que começou por traduzir todos os sonetos literalmente, palavra por palavra, e que só depois tratou de trabalhar a versificação. Considera Antero um poeta relativamente fácil de ler, o que explica pela forma como “ele usa da língua em todas as formas com clareza extraordinária, e tem também um dom extraordinário de pintar com palavras. (...) à sua simplicidade clássica alia uma fantasia rica.”

É por isso, assim, que confessa ao amigo não gostar das traduções inglesas e alemãs, porque as considera demasiado literais, afirmando que os seus tradutores não tinham medo de “forçar a língua para vencer uma dificuldade”, e que como tal não faziam jus à poética anterior. Por outro lado, existe para Koehler um problema de raiz, que

12. Não nos é dito, no entanto, quem forneceu a carta, bem como quem a poderá ter traduzido, caso tenha sido escrita na língua materna de Koehler. Podemos arriscar que o facto de Armando Côrtes-Rodrigues ser não só um homem de confiança do Coronel Chaves, como também o redactor principal desta segunda série da revista, poderá ter tido um papel determinante na publicação destas traduções.

é a dissemelhança entre a forma do verso português, mais “saltante, histérica” e a das línguas germânicas, que lhe parece conter formas mais “pesadas e graves”. Efectivamente, tal estranheza por parte de Koehler (que chega a considerar a tradução de Prestage “sem gosto”) é justificada como opção válida por Prestage logo no seu prefácio:

In the present version I have kept as closely as possible to the original, and in most cases the translation is line for line. **I preferred, if necessary, to sacrifice form rather than matter, and to appear bald rather than give a paraphrase**, my reason being that these Sonnets are not the work of a mere Parnassian, but of a Philosopher who laid bare his thoughts, and a Mystic who recorded his dreams in this particular form. (...) (1894: xi-xii) [negritos nossos] ¹³

Sensações e teorias da tradução à parte, talvez seja interessante ver como as duas versões dos poemas funcionam em função de um dos originais. Para tal escolhemos apenas um dos poemas – “O Palácio da Ventura” –, já que não só existe uma versão de Prestage e de Koehler para cotejar, como temos igualmente uma versão contemporânea de Richard Zenith.¹⁴ Este é um dos sonetos mais conhecidos da sua fase segunda (1862-66), de acordo com a diferenciação efectuada ainda em vida de Antero por Oliveira Martins, e ainda hoje acatada pela maior parte dos estudiosos. Será portanto um soneto do período em que as suas inquietações mais depressivas se começam a sentir e, concomitantemente, o período dos sonetos mais artísticos,

13. Certamente através da reunião dos sonetos completos de Antero de Quental de 1886, feita pelo amigo Oliveira Martins e editada no Porto pela Livraria Portuense de Lopes & Ca., até porque a sua segunda edição [1890] traz um apêndice com traduções noutras línguas europeias, que Prestage igualmente confessa ter lido, e de onde seleccionou sessenta e quatro dos cento e nove sonetos da edição:

My aim has been to give such as are most characteristic of their author, or most striking in themselves; and I have consequently rejected those that seemed to be of less interest or merit. But nearly all are worthy of an English dress, at least from one point of view, namely, that they form a commentary on the intellectual life of the poet, and enable us to understand better one of the most remarkable men of the time, called, not inaptly, the Portuguese Heine. (x-xi)

14. V. <<http://www.poetryinternationalweb.net/pi/site/poem/item/4738/auto/0/THE-PALACE-OF-FORTUNE>> Acedido em 21 de Abril de 2016.

ainda de acordo com o amigo de Antero.

Atendendo à justificação honesta de cada um dos seus tradutores, compreendemos as razões de cada um. São as duas abordagens clássicas de tradução de poesia, a tensão entre forma e conteúdo, pertinente aliás no caso de Antero, para quem a forma era indissociável da ideia, e considerava o soneto a forma clássica por excelência do lirismo. Basta para tal ler o encomiástico prefácio à reunião dos seus sonetos, em 1861, que dedica ao amigo João de Deus, uma vez que este foi a grande influência na sua escolha por esta forma, e que Antero considerava o grande sonetista depois de Camões.

O problema da forma, não será incompatível, porém, com as decisões que Prestage apresenta no que toca à estrutura interna, nomeadamente neste poema.¹⁵ A solução formal de soneto, até com algumas rimas e aliterações por parte de Prestage e Zenith não se afasta, quanto a nós, da adequação à forma que tanto desejava Antero.

Estranha, em primeiro lugar, a decisão de Koehler, de lhe apor o nome "Abode" do inglês medieval 'abood' (local temporário de estadia/residência), que deu origem igualmente no verbo 'abide', para denominar o 'palácio' do título original. É claramente uma traição próxima de uma decisão autorial e interpretativa, já que a tradução literal em 'palace', como a tem Prestage e Zenith, em nada fere o original e acaba por ser mais imparcial.

Efectivamente, a decisão por trás desta "traição" logo no título transpõe-se e multiplica-se na forma de diversas pequenas "traições" do conteúdo no poema. Por atenção à forma, e no sentido de suavizar numa língua germânica como é o inglês, a prosódia "saltitante, histórica" da língua original, Koehler decide então modificar a rima cruzada das quadras (ABAB) numa rima interpolada e emparelhada (ABBA) modificando, para tal, drasticamente a sintaxe. Ainda que não afecte a semântica da mesma forma, estamos perante um outro poema, uma outra construção (mais suave e rítmica, é certo) que coloca esta tradução mais próxima de uma "versão". Zenith e Prestage

15. Reproduzido por Nuno Júdice na sua edição de *Sonetos*, para a INCM, em 1994.

equivalem-se aqui, na sua decisão de não deixar a rima tudo controlar, mesmo que não seja o mesmo esquema rimático do original.

Por outro lado, e ainda na primeira quadra, Koehler afasta-se muito num dos elementos da enumeração tripla dos locais de deambulação do 'errant knight'/ 'cavaleiro andante': "through sands, through **solitudes**, through blackest nights", mais adequadamente traduzida por Prestage em "suns", como "sóis" de Antero. O mesmo sucede na segunda quadra, no segundo verso – em vez dos dois elementos originais "Quebrada a espada já, rota a armadura", Koehler acrescenta-lhe um terceiro elemento logo a início, de forma a interligar-se artificialmente com o verso anterior: "Well nigh dismayed, sword broken, armor rent".

Outra característica da(s) versão(ões) de Koehler, e que se alia à referida recombinação sintáctica dos versos, é a recorrência à perífrase para satisfazer a prosódia, a rima e a extensão do verso. Veja-se a esse propósito como novamente os dois elementos caracterizadores do sujeito poético no verso décimo "Eu sou o Vagabundo, o **Deserdado...**" se transformam em "I am the outcast, **craving love's sweet gain!**" [negritos nossos] Ainda que, na verdade, acabe por cair muito na paráfrase que, como vimos não desejava (vv. 6 e 8, por exemplo), Prestage não leva tão longe a sua tradução quanto Koehler.

Por último, do ponto de vista da fidelidade ao conteúdo, o último terceto é aquele em que aparenta ser o mais conseguido, equilibrando Koehler a forma e o conteúdo, não se desviando nem sintáctica nem semântica nem lexicalmente do que diz Antero.

De uma forma geral, então, não existe uma tradução que nos pareça completamente certa e adequada, isto é, que respeite integralmente a forma e a música dos sonetos anterianos. Não será, talvez, esse o propósito quando traduzimos um poema, sobretudo se atendermos ao que defendem os mais puristas teóricos da tradução literária: não é possível traduzir poesia, apenas recriá-la numa outra língua de chegada.¹⁶ Podemos advogar, em defesa de Sylvester Rosa Koehler,

16. A sua decisão, como diremos de seguida, coaduna-se pela forma como se anuncia a própria tradução no subtítulo – "englished by Edgar Prestage." Não estamos, portanto, perante uma tradução, diz-nos o tradutor, mas sim uma "versão".

no entanto, que ao recriar na língua inglesa estes seis sonetos de Antero, numa empresa cheia de boas intenções (um “trabalho de amor” como lhe chama), o seu intento terá estado mais próximo daquilo que Pessoa, como vimos a início, nos diz ser a maior dificuldade em traduzir Antero.¹⁷ Dito por outras palavras, estes seis sonetos estão cheios d’ “aquela música suave, triste e penetrante, íntima de lirismo” que o poeta da *Mensagem* diz ser a “grandeza lírica” do poeta micalense – e esta recriação/traição, a de Koehler, talvez seja a única forma correcta de efectivamente o trazer para a língua inglesa.

Nota: As reproduções digitais são da nossa responsabilidade, feitas no âmbito da Bolsa FCT SFRH/BPD/101758/2014.

Obras Citadas

- Os Açores. Revista Ilustrada.* Ponta Delgada, 1ª série (1922-1925) e 2ª série (1928).
- Ferrari, Patrício (ed.) *Os Sonetos Completos de Antero de Quental.* Guimarães: Olisipo, 2007.
- Júdice, Nuno (Organização, introdução e notas). *Antero de Quental, Sonetos.* Lisboa: INCM, 2000 (1994). 227-231
- Martins, Ana Maria Almeida. *Antero de Quental e a Viagem à América – Remando Contra a Maré.* Lisboa: Tinta-da-China, 2011.
- Monteiro, George. “Antero de Quental in English”. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, nº11, UMass: Tagus Press, 2007.
- A Phala.* Lisboa: Assírio e Alvim, 2007.
- Pires, Daniel. *Dicionário da Imprensa Periódica Literária.* Lisboa: Grifo, 1996.
- Prestage, Edgar (trad.) *Antero de Quental: Sixty-Four Sonnets, Englished by Edgar Prestage.* London: David Nutt, 1894.
- Relâmpago – Revista de Poesia.* [s.l.]: Fundação Luís Miguel Nava, 2005.
- Zenith, Richarh (trad.) “The Palace of Fortune”. <<http://www.poetryinternationalweb.net/pi/site/poem/item/4738/auto/0/THE-PALACE-OF-FORTUNE>>. Acedido em 21 de Abril de 2016.

17. Sobre esta eterna discussão, sobretudo no caso de traduções de poesia para português, remetemos para os seguintes números de duas revistas recentes: *Relâmpago – Revista de Poesia*, nº17, A tradução de Poesia, Outubro de 2005; e *A Phala*, série 2, nº1, 2007.